

## **Revista Contabilidade & Amazônia**

Disponível em  
<http://www.contabilidadeamazonia.com.br/>

Revista Contabilidade & Amazônia, Sinop, v. 3, n. 1,  
art. 6, pp. 77-89 Jan./Dez. 2010

### **ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS DA COOPERATIVA DE SAÚDE- UNIMED JOÃO MONLEVADE MG**

**Hugo Almeida da Silva\***

E-mail: hugo0888@hotmail.com  
Graduado em Ciências Contábeis  
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT  
Sinop, MT, Brasil

**Kallyne Gonçalves Xavier**

E-mail: kallyne\_fc@hotmail.com  
Graduada em Ciências Contábeis  
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT  
Sinop, MT, Brasil

**Jane Regina R. Lonardone**

E-mail: jane.regina.lonardoni@hotmail.com  
Graduada em Ciências Contábeis  
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT  
Sinop, MT, Brasil

\*Endereço: Hugo Almeida da Silva  
Avenida dos Ingás, 3001, Sala L12, Centro, Sinop/MT, 78555-000.

---

*Copyright* © 2009 Revista Contabilidade & Amazônia. Todos os direitos são reservados. É permitido citar parte dos artigos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte.

---

## **Resumo**

O presente trabalho foca a importância da utilização da análise das demonstrações contábeis em cooperativas. Visto que estas ganham cada vez mais espaço em diferentes ramos e setores. Adiante serão apresentados e analisados dados da cooperativa de saúde UNIMED- João Monlevade - MG. Isso se faz com o objetivo de demonstrar de forma simplificada como acontece o processo de análise e quais são os seus principais indicadores. Por fim, através das informações ilustradas neste trabalho, tornar mais compreensível os relatórios elaborados pela contabilidade, favorecendo assim os usuários que são dependentes dessas informações para a tomada de decisão.

Palavras-chave: Cooperativismo; Análise; Demonstrações.

## **1 Introdução**

É notória a importância da contabilidade em entidades dos mais variados ramos e setores, agindo sempre como aliada na busca por informações úteis para a tomada de decisão. Nos últimos anos, o conceito de cooperativismo vem ganhando destaque no cenário nacional. A contabilidade, por sua vez, é uma ciência primordial para a continuidade das entidades, para que elas sobrevivam no mercado é importante que os gestores absorvam o máximo de informações oferecidas pelos relatórios contábeis. Com as cooperativas não é diferente, elas também podem tirar proveito das informações contábeis.

A análise de balanço pode auxiliar os usuários da contabilidade, mesmo em uma cooperativa. Na maior parte dos casos, os cooperados, diretores, presidentes dos conselhos, fornecedores, e outros usuários, não têm familiaridade suficiente com os relatórios ao ponto de compreendê-los. Em virtude disso, a análise das demonstrações da cooperativa pode auxiliar todos os usuários a entender qual é a real situação econômica e financeira apresentada pelos demonstrativos.

Para se obter bons resultados na gestão dos recursos administrados, e que se atinjam os princípios de solidariedade, bem comum e igualdade, pregados e defendidos pelo cooperativismo, faz-se necessário a aceitação dos indicadores oferecidos pela análise de balanços que, quando bem elaborada, colabora de forma essencial para a interpretação da situação financeira e econômica da entidade.

As informações geradas na análise contábil são de singular importância para os seus diversos usuários, tanto internos como os responsáveis pela administração e os cooperados em geral, quanto para os externos, como os fornecedores e o governo, entre outros.

Neste sentido, o presente trabalho busca oferecer informações por meio da análise dos índices financeiros e das análises vertical e horizontal da Cooperativa de Saúde UNIMED. Para isso, foram extraídos dados das demonstrações da unidade UNIMED - João Monlevade - MG, a qual faz a publicação de suas demonstrações anualmente.

## **2 Referencial Teórico**

### **2.1 Cooperativismo**

O cooperativismo conta com vestígio na Inglaterra e França, em 1844, onde os trabalhadores tecelões insatisfeitos com os salários, idealizaram uma sociedade com os princípios cooperativos. Primeiro fizeram uma estimativa onde foram avaliadas todas as sugestões que vinha deles e respeitando todos os costumes da época.

Nessa fase, após estabelecerem metas e normas foi fundada a sociedade sobre o nome de Rochdale Society of Equitable Pioners (Sociedades de Rochdale de Pioneiros Equitativos), foi então reunindo o dinheiro da poupança de todos eles e fundaram a cooperativa.

O objetivo desse grupo de pessoas era de desenvolver a capacidade que eles tinham de criatividade, justa e com harmonia entre eles. Após seus resultados, foram buscando melhoria na qualidade de vida deles e da sociedade também.

A evolução do cooperativismo no Brasil parte de fatos políticos e até mesmo sócio culturais. Onde a idéia de cooperativa trazida por idealizadores especificamente entre imigrantes alemães e italianos, que no século XXI, mostra o grande impacto das transformações ocorridas.

Cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns a seus integrantes, e constitui-se numa empresa de propriedade coletiva, a ser democraticamente gerida.

No Brasil os indícios apontam que funcionário de diversas áreas criou em Limeira (São Paulo), no ano de 1891, a primeira cooperativa de consumo. Tem como finalidade a compra de produtos a preços competitivos.

Em 1902, surgiu a cooperativa de crédito no Rio Grande do Sul, em 1906, foi à vez da região centro-sul do país com cooperativas rurais. Como tudo que se cria deverá estar dentro de leis, às cooperativas também seguiram a caminhada embasada na pelo Decreto 22.239 de 19/12/1932 e posteriormente pela lei 5.764 de 16/12/1971.

Com a constituição federal de 1988, foi criada a primeira cooperativa de profissionais da área da saúde em Roraima, a COOPROMED- Cooperativa dos Profissionais de Saúde do Nível Superior. Iniciou suas atividades em março de 1991, e contava em seu quadro de cooperados 120 profissionais.

Em decorrência do surgimento dessa cooperativa, teve outras cooperativas neste mesmo ramo, em Roraima mesmo. Atualmente, existem aproximadamente 7,5 mil cooperativas registradas na OCB – Organização das Cooperativas do Brasil, atuando no ramo agropecuário, consumo, crédito, educação, especial, infra-estrutura, habitação etc.

Pesquisas apontam que estas cooperativas participam com 6% (seis por cento) do PIB Nacional e contam com exportações também. São registrados nas cooperativas médica mais de três milhões de usuário no ramo odontológico, e doze milhões de brasileiros são usuários de cooperativas médicas.

Com os ideais voltados para as cooperativas Rochdale, acredita-se que este movimento seguirá para garantir evolução desses movimentos, com objetivos modernos que possa acompanhar as necessidades do mercado.

### **2.3 Cooperativa UNIMED-João Monlevade**

De acordo com o portal eletrônico da cooperativa UNIMED, unidade de João Monlevade, a mesma se situada em Minas Gerais, inicia suas atividades, frente a uma crise de lideranças no país provocadas por fatores econômicos e sociais.

Com a falta de subsídios para saúde no país, era comum encontrar hospitais munidos com equipamentos em estado deplorável, sem condições mínimas para fornecer tratamento adequado aos pacientes. Sem contar que os salários dos profissionais da saúde estavam em desacordo com o grau de especialidade.

Com esta situação se agravando a cada dia, uma equipe de 42 médicos preocupados com a saúde pública, fundou a Unimed na cidade de João Monlevade, em Minas Gerais, com a intenção de oferecer atendimento acessível a todas as classes sociais da região, e com garantia de qualidade nos trabalhos realizados pela equipe médica.

Os objetivos da cooperativa foram alcançados. A empresa procura proporcionar para o cliente atendimento eficaz, onde haja conforto e privacidade.

Surge então um trabalho comprometido com a ética, com ótima qualidade de serviços prestados, e com preços mais justos.

Desta forma se torna uma rede cooperativista tomando proporções em todo território nacional, sendo a maior rede de assistência médica no Brasil.

## 2.4 Análise das Demonstrações Contábeis

Para que os objetivos de uma cooperativa sejam realmente atingidos e atendam os princípios do cooperativismo, a administração necessita articular da melhor forma possível os recursos que tem a sua disposição. Para isso, a tomada decisão é fator crucial neste processo. Logo, as informações contábeis podem auxiliar gestão no momento de trilhar os caminhos a serem seguidos.

Em muitos casos somente as demonstrações contábeis não são suficientes para os gestores. É preciso fazer uma interpretação dos dados contábeis e oferecer informações que apresente qual é a real situação econômica e financeira da cooperativa. Esse é o papel da análise das demonstrações contábeis.

Matarazzo (2003), Padoveze e Carvalho (2004), concordam que a análise de balanços tem como objetivo a extração de informações das demonstrações financeiras para tomada de decisão. A análise das demonstrações transformará os dados dos relatórios contábeis, em informações mais valiosas e eficientes para os mais diversos usuários aos quais elas possam interessar. É válido para o conhecimento da situação econômica financeira de outras empresas concorrentes, clientes e fornecedores, porém, o mais importante instrumento de análise econômico financeiro é sua utilização interna pela empresa.

As informações citadas pelos autores acima, são produzidas pela análise por meio de índices patrimoniais, que através de seus conteúdos revelam a relação existente entre contas ou grupos de contas das demonstrações contábeis.

Em seguida faremos um apanhamento dos principais índices utilizados pela contabilidade para auxiliar seus usuários.

## 2.5 Principais Indicadores

De acordo com Matarazzo (2003, p. 147) “índice é a relação entre contas ou grupo de contas das Demonstrações Financeiras, que visa evidenciar determinado aspecto da situação econômica ou financeira de uma empresa”. Ainda na visão de Matarazzo, a característica fundamental dos índices é a capacidade de proporcionar visão ampla dos resultados da empresa.

Para Padoveze e Benedito (2004) o objetivo dos indicadores é dar maior clareza à análise ou mesmo constatar o desempenho econômico financeiro da entidade.

Franco (1992, p. 204) define “os índices como indicações numéricas das gradações de um fenômeno, relacionadas com seu número básico inicial”.

De acordo com o pensamento dos autores os índices constituem uma técnica de análise muito empregada pelo fato de facilitar o trabalho do analista com a interpretação através de percentuais. Dessa forma, os usuários que não são familiarizados com as demonstrações contábeis terão maior facilidade na interpretação dos dados transmitidos pela contabilidade.

### 2.5.1 Índice Liquidez

Para Marion (2006, p. 83) o índice de liquidez “são utilizados para avaliar a capacidade de pagamento da empresa, isto é, constituem uma apreciação sobre se a empresa tem capacidade para saldar seus compromissos”, da mesma forma, Padoveze e Benedito (2004, p. 131) dizem que “a idéia central de criar indicadores de liquidez está na necessidade de avaliar a capacidade de pagamento da empresa.”

Destarte entende-se que os índices de liquidez medem a situação financeira, ou seja, avaliam a capacidade da empresa em saldar seus compromissos seja no curto ou longo prazo.

Com isso, percebe-se a importância do índice de liquidez no sentido de medir a confiabilidade transmitida através das informações aos usuários, pois fica evidenciado a capacidade de pagamento de suas dívidas com terceiros.

### 2.5.2 Índice de Estrutura e Endividamento

Outro indicador é o de endividamento, no qual é possível identificar quanto do ativo da empresa é proveniente de capital de terceiro.

Padoveze e Benedito (2004, p. 138) asseguram que:

A finalidade básica desses indicadores é transformar em percentuais a participação dos valores dos principais grupos representativos do balanço patrimonial, bem como mensurar percentualmente sua relação com o capital próprio, representado pelo patrimônio líquido. Consegue-se, com isso, uma avaliação relativa que simplifica o entendimento geral desses elementos patrimoniais.

Marion (2006) explica que “é por meio destes indicadores que apreciaremos o nível de endividamento da empresa”.

Percebe-se que o uso dos indicadores de Endividamento, revela a porcentagem dos ativos financiada com capital de terceiros e próprios, ou se há dependência de recursos de terceiros. E ainda, é possível identificar a quantidade de recursos de terceiros que tem vencimento a Curto Prazo e a Longo Prazo.

### 2.5.3 Índice de Rentabilidade

Para evidenciar a situação econômica utiliza-se os índices de rentabilidade. Este índice é capaz de identificar a remuneração do capital empregado na entidade.

Matarazzo (2003, p. 175) afirma que Estes índices “mostram qual a rentabilidade dos capitais investidos, isto é, quanto rendeu os investimentos, qual o grau de êxito econômico da empresa”.

Para Padoveze e Benedito (2004) a análise através dos Índices de Rentabilidade é a parte mais importante da análise financeira, pois mensura o retorno do capital investido e identifica os fatores de tal situação.

Com essa afirmação, é importante destacar a funcionalidade deste índice, pois além de “medir”, é competente para evidenciar o porquê de tal grau de rentabilidade.

## 2.6 Análise Vertical/Horizontal

De acordo com Ferreira (2009), a análise horizontal consiste em se verificar a evolução dos elementos patrimoniais ou de resultado durante um determinado período. Esse possibilita a comparação entre os valores de uma mesma conta ou grupo de contas em diferentes exercícios sociais. Os elementos comparados são homogêneos, mas os períodos de avaliação são diferentes. São necessários no mínimo dois períodos para fazer a comparação, pois é relativa, essencialmente a exercícios distintos.

Matarazzo (2003, p. 245) descreve que a Análise Horizontal “Baseia-se na evolução de cada conta de uma série de demonstrações financeiras em relação à demonstração anterior e/ou em relação a uma demonstração financeira básica, geralmente a mais antiga da série. E ainda expõe que “A evolução de cada conta mostra os caminhos trilhados pela empresa e as possíveis tendências”.

Através desta técnica é possível avaliar os demonstrativos contábeis comparando os valores em forma percentual de determinada conta em relação à mesma conta dos anos anteriores.

Padoveze e Benedito (2004, p. 171) conceituam como Análise Vertical “a análise de participação percentual ou de estrutura dos elementos das demonstrações contábeis”

Para Ferreira (2009) esta análise, também chamada de análise da estrutura, envolve a relação entre um elemento e o grupo no qual está inserido, relacionando a parte com um todo. Envolve elementos homogêneos, mas relativos a um mesmo exercício,

Matarazzo (2003) explica que para fazer a Análise Vertical, calcula-se o percentual de cada conta em relação a um valor-base.

A Análise Vertical mostra a importância de cada conta em relação à demonstração à que pertence. Permite, através da comparação com padrões do ramo ou com percentuais da própria empresa em anos anteriores, descobrir se os itens estão acompanhando os habituais.

Matarazzo (2003) recomenda que estas duas técnicas de análise sejam aplicadas em conjunto, para que as conclusões baseadas na Análise Vertical sejam complementadas pelas da Análise Horizontal.

Ainda de acordo com Matarazzo (2003) a Análise Vertical/Horizontal possibilita localizar pontos específicos de falhas, problemas e características da empresa e explica os motivos de a empresa estar em determinada situação.

## **2.7 Processo de Análise das Demonstrações Contábeis**

Para se fazer uma boa análise de balanços, Silva (2001), no QUADRO 1 destaca que são necessários alguns procedimentos:

QUADRO 1 – Procedimentos para análise de balanços

Coleta	Obtenção de demonstrações e demais informações relativas à atuação da empresa, como seus produtos, nível tecnológico, administradores, proprietários, o grupo à qual pertence dentre outras informações necessárias a análise.
Conferência	Considera-se como uma pré análise. Aqui, as informações são verificadas, observando se estão completas, compreensíveis e confiáveis.
Preparação	É a adequação das demonstrações financeiras aos padrões internos da instituição que vai efetuar a análise, através da reclassificação. O material de leitura e demais dados disponíveis, é a base para uma análise eficiente, portanto deverão ser bem organizados
Processamento	<p>Processamento das informações e emissão de relatórios. Entre os relatórios destaca-se o Balanço Patrimonial, o Demonstrativo de Resultado.</p> <p>Além dos relatórios há também os indicadores de lucratividade, estrutura e liquidez. Normalmente os indicadores são calculados por meio de processamento eletrônico</p>
Análise	<p>Análise das informações (dados) disponíveis. Deve compreender a consistência das informações, a observação das tendências apresentadas pelos números, e demais conclusões que possam ser extraídas do processo.</p> <p>Esta fase exige alta capacidade de observação, conhecimento e experiência do analista.</p>
Conclusão	Identifica, ordena, destaca e escreve sobre os principais pontos e sugestões a cerca da empresa analisada. É importante que o analista divulgue seu parecer em linguagem simples, clara e consistente, de modo que seja útil ao usuário. É relevante que se conhecimento prévio do objetivo da análise para que se possam direcionar os trabalhos.

(Fonte: Silva, 2001)

## 2.7 Análise da Cooperativa de Saúde UNIMED João Monlevade - MG

Conforme os conceitos apresentados anteriormente concernentes a análise das demonstrações contábeis, é interessante a aplicação prática desse conhecimento. Para isso, foram extraídos dados das demonstrações contábeis da UNIMED- João Monlevade-MG. É uma cooperativa de saúde, onde se faz uso dos preceitos do cooperativismo. Portanto, são fundamentais informações que possam ilustrar com clareza a situação patrimonial desta entidade cooperativa.

As demonstrações contábeis analisadas encontram-se no ANEXO I.

### 2.7.1 Índice de Liquidez Corrente

QUADRO 2 – Índice de liquidez corrente.

	2009	2008
Ativo Circulante	8.213.150,42	7.548.810,35
Passivo Circulante	3.552.182,48	2.872.489,32
ILC = AC/PC	2,31	2,63

Fonte: Dados da pesquisa (2010)

O Quadro 2 nos trás os índices de liquidez da cooperativa objeto deste estudo, fazendo um comparativo entre dois períodos.

Através dos índices de liquidez apresentados pode se constatar que a cooperativa se encontra em situação satisfatória. Como já foi mencionado anteriormente, quando se tem um índice de liquidez igual ou superior a 1, significa que a empresa cooperativa detém solvência suficiente para efetuar seus pagamentos curto prazo.

Com esse tipo de informação, os fornecedores nos períodos de 2008 e 2009, detinham certa segurança ao negociar.

### 2.7.2 Índice de Liquidez Geral

QUADRO 3 – índice de liquidez geral

	2009	2008
Ativo Circulante	8.213.150,41	7.548.810,35
Passivo Circulante	3.552.182,48	2.872.489,32
Realizável à Longo Prazo	1.160.944,97	451.077,16
Exigível à Longo Prazo	1.678.370,87	1.349.359,16
ILG = (AC/PC)+(RLP/ELP)	1,79	1,89

Fonte: Dados da pesquisa (2010)

O Quadro 3 oferece os índices de Liquidez Geral da cooperativa nos períodos de 2008 e 2009.

Pode ser observado através deste indicador que ocorreu uma ligeira diminuição na capacidade de pagamento das dívidas da cooperativa à longo prazo. Isso pode ser explicado, conforme ANEXO I, que de um ano para outro houve um aumento no imobilizado da empresa cooperativa.

Nesse sentido é importante ressaltar que uma diminuição na liquidez à longo prazo não necessariamente seja ruim para a empresa. Pois, é através de financiamentos à longo

prazo que se faz a reposição do permanente, fundamental na operacionalidade de toda instituição.

### 2.7.3 Índice de Endividamento

QUADRO 4 – Índice de Endividamento

	2009	2008
Passivo Circulante	3.552.182,48	2.872.489,32
Exigível à Longo Prazo	1.678.370,87	1.349.359,16
Patrimônio Líquido	4.864.143,58	4.587.836,06
IEG = (PC+ELP)/PL	1,08	0,92

Fonte: Dados da pesquisa (2010)

No Quadro 4 foi colocado o índice de endividamento nos períodos já mencionados.

Esse indicador reflete, em caso de encerramento das atividades da cooperativa, a capacidade da mesma de garantir o capital de terceiros. No caso estudado, podemos concluir que o indicador de endividamento geral está baixo. Conseqüentemente, a maior parte do capital da cooperativa é próprio.

## 2.8 Análise Vertical/Horizontal da UNIMED

O Quadro 5 compreende a análise vertical e horizontal dos principais grupos de contas do balanço patrimonial UNIMED-João Monlevade. As informações estão colocadas de forma simplificada e resumida para facilitar o entendimento dos usuários que venham a ter interesse por este quadro.

QUADRO 5- ANÁLISE VERTICAL E HORIZONTAL DO BALANÇO

BALANÇO PATRIMONIAL					
	2008		2009		
	Valor(R\$)	A/V(%)	Valor(R\$)	A/V(%)	A/H(%)
Ativo Circulante	R\$7.548.810,35	85,69	R\$8.213.150,41	81,36	8,80
Ativo Não Circulante	R\$1.260.874,19	14,31	R\$1.881.546,52	18,64	49,23
Total do Ativo	R\$8.809.684,54	100,00	R\$10.094.696,93	100,00	14,59
Passivo Circulante	R\$2.872.489,32	32,61	R\$3.552.182,48	35,19	23,66
Passivo Não Circulante	R\$1.349.359,16	15,32	R\$1.678.370,87	16,63	24,38
Patrimônio Líquido	R\$4.587.836,06	52,08	R\$4.864.143,58	48,19	6,02
Total do Passivo	R\$8.809.684,54	100,00	R\$10.094.696,93	100,00	14,59

Fonte: Dados da pesquisa (2010)

Por meio do Quadro 5 fica evidente que nos dois exercícios existe um equilíbrio de capital próprio e capital de terceiros na cooperativa. O Patrimônio Líquido está na faixa de 50% do total do passivo.

Verifica-se também que ocorreu um crescimento considerável de um período para o outro no ativo não circulante, cerca 49%. Isso se dá por um aumento de imobilizado da cooperativa. Ainda com relação ao grupo de ativo não circulante, este representa um percentual minoritário do total do ativo em torno de 18% em 2009.

Algo que chama bastante a atenção é o ativo circulante, absorvendo mais de 80% do total de ativos. Isso coloca a UNIMED- João Monlevade-MG em situação bastante confortável, explicando também o bom índice de liquidez observado.

### 3 Considerações Finais

O cooperativismo é uma realidade cada vez mais presente no mundo em que vivemos, aonde vem ganhando força e espaços entre as empresas privadas no nosso país. Para continuar essa ascensão a contabilidade pode ser parceira, oferecendo ferramentas capazes de auxiliar todos os seus usuários. Nas cooperativas, como aconteceu neste trabalho, pode-se identificar de forma mais clara a real situação econômica e financeira observada.

É inegável a importância destas cooperativas no contexto atual que se dispõe de melhoria na expectativa de organização de uma sociedade, estando estas empresas bem direcionadas e com adequado controle de gestão a sua continuidade social é ainda maior com utilização de ferramentas oferecidas pela contabilidade como a análise das demonstrações. A análise das demonstrações contábeis oferece dados transformados em informações contábeis de fácil compreensão. Isso melhora ainda mais a tomada de decisões praticadas.

Está análise das demonstrações pode apresentar dados relevantes sobre o futuro das operações e planejar a capacidade funcional dos elementos do patrimônio. Pela análise pode-se comprovar e ser orientado sobre o risco que a cooperativa pode ter na tomada de decisão ao se deparar com certas condições financeiras.

O resultado financeiro de uma empresa é a probabilidade de vários fatores essencial devido às bases limitadas de recursos que a empresa possui, e até mesmo sua posição no mercado. Por isso se recomenda ao empresário o uso de diversas ferramentas disponível pela contabilidade no contexto atual. Todavia, é importante lembrar que a implantação de tais ferramentas depende principalmente da vontade do cooperado e da capacitação técnica do profissional que se dispõe a utilizar esta ferramenta.

Em virtude disso, recomenda-se a contabilidade as cooperativas como ferramenta de gestão, na busca da continuidade e de melhoria de resultados. E não somente para atender exigências legais atribuídas pelo governo.

### Referencial Bibliográfico

MATARAZZO, Dante C.. *Análise Financeira de Balanço*. São Paulo Editora ATLAS, 2003.

FERREIRA, R. J. *Análise das Demonstrações Financeiras*. Belo Horizonte, 2009.

FRANCO, H. *Estrutura, Análise e Interpretação de Balanços*. São Paulo: Atlas, 1992.

MARION, J. C. *Análise das Demonstrações Contábeis: contabilidade empresarial*. São Paulo: Atlas, 2006..

PADOVESE, C.L.; BENEDITO, G. C. de. *Análise das Demonstrações Financeiras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SILVA, J P da. *Análise financeira das empresas*. São Paulo: Atlas, 2001.

OLIVEIRA, D.P.R de *Manual de Gestão Cooperativas: uma abordagem prática*. São Paulo:Atlas,2003.

PINHO, Diva Benevides. *O que é Cooperativismo*. São Paulo Editora S.A, 1966.

UNIMED-MG. *Relatórios da Gestão*. Seção:

“Boletim”em:<<http://www.unimed.com.br/pct/index.jsp?cdcanel>>.Acesso em 03 de maio de 2010

## ANEXO I- Demonstrações Contábeis

ATIVO CIRCULANTE	2009	2008
	8.213.150,41	7.548.810,35
Disponível	278.606,41	169.120,47
Realizável	7.934.544,00	7.379.689,88
Aplicações	6.700.183,45	6.306.877,71
Créditos de Operações com Plano de Assistência à Saúde	1.191.210,30	1.010.671,89
Contraprestações Pecuniárias	1.031.165,42	875.736,52
Operadoras de Planos de Assistência à Saúde	160.044,88	134.935,37
Títulos e Créditos a Receber	41.936,79	58.960,28
Outros Valores e Bens	1.213,46	3.180,00
ATIVO NÃO CIRCULANTE	1.881.546,52	1.260.874,19
Realizável a Longo Prazo	1.160.944,97	451.077,16
Títulos e Créditos a Receber	24.538,45	24.538,45
Valores e Bens	1.136.406,52	426.538,71
Investimentos	115.824,35	113.304,33
Participações societárias - Investimento no País	115.824,35	113.304,33
Imobilizado	560.505,16	614.916,51
Imovéis de Uso Próprio não Hospitalar	320.733,25	338.332,09
Bens Móveis	238.721,91	275.534,42
Outras Imobilizações não Hospitalares	1.050,00	1.050,00
Diferido	44.272,04	81.576,19
TOTAL DO ATIVO	10.094.696,93	8.809.684,54

PASSIVO CIRCULANTE	2009	2008
	3.552.182,48	2.872.489,32
Provisões Técnicas de Operações de Assist. à Saúde	1.490.758,24	1.025.714,96
Provisão de Risco	836.095,02	734.373,54
Provisão de Benefícios a Conceder	47.985,30	24.060,98
Provisão para Eventos Ocorridos e Não Avisados	614.677,92	267.280,44
Eventos a Liquidar de Operações de Assistência à Saúde	902.106,29	787.586,84
Débitos com Operações de Assistência à Saúde	154.481,52	351.602,44
Operadoras de Planos de Assistência à Saúde	154.481,52	351.602,44
Intercâmbio a Pagar	154.481,52	351.602,44
Débitos Operações de Assistência à Saúde Não Relacionados	116.238,03	94.492,26
Tributos e Contribuições a Recolher	354.276,85	277.460,88
Débitos Diversos	431.398,36	245.565,40
Empréstimos e Financiamentos a Pagar	1.365,04	2.004,30
Provisões	93.558,15	88.062,24
<b>PASSIVO NÃO CIRCULANTE</b>	<b>1.678.370,87</b>	<b>1.349.359,16</b>
Exigível a Longo Prazo	1.678.370,87	1.349.359,16
Provisões Técnicas de Operações de Assist. à Saúde	95.079,86	71.082,11
Provisões	1.159.369,22	856.886,85
Outras Exigibilidades de Longo Prazo	423.921,79	421.390,20
<b>PATRIMÔNIO LÍQUIDO / PATRIMÔNIO SOCIAL</b>	<b>4.864.143,58</b>	<b>4.587.836,06</b>
Capital Social ou Patrimônio Líquido	2.830.280,54	2.570.630,14
Reservas	2.032.082,34	1.997.479,78
Reservas de Capital / Patrimoniais	9.300,07	9.300,07
Reserva de Sobras	909.318,85	798.170,73
Reservas de Lucros / Sobras / Retenção de Superávits	1.113.463,42	1.190.008,98
Lucros (Superávits) ou Prejuízos (Déficits) Acumulados ou Resultado	1.780,70	19.726,14
<b>TOTAL DO PASSIVO</b>	<b>10.094.696,93</b>	<b>8.809.684,54</b>